

Sentidos no texto - uma análise de “Neologismo”, de Bandeira Meanings in the text – an analysis of “Neologismo”, by Bandeira

Eduardo Guimarães*

RESUMO: O objetivo deste artigo é realizar a análise de um texto, o poema “Neologismo” de Manuel Bandeira. Para isso toma-se a posição estabelecida por Guimarães (2011), que considera o texto como uma unidade que integra enunciados transversalmente. O procedimento de análise se baseia na constituição de recortes (Orlandi, 1984) estabelecidos como fragmentos do acontecimento da enunciação. Pela análise dos recortes é possível produzir uma compreensão do texto pela projeção de uma análise sobre as outras. Pela análise realizada pode-se ver no poema de Bandeira um interessante movimento de significação próprio de um lirismo muito particular. A análise também permite refletir sobre o modo como o acontecimento da enunciação agencia as figuras da cena enunciativa.

ABSTRACT: The purpose of this paper is to perform the analysis of a text, the poem "neologism" by Manuel Bandeira. For this takes the position established by Guimarães (2011), which considers the text as a unit that integrates enunciations. The analysis procedure is based on the constitution of cuttings ["recortes"] (Orlandi, 1984) established as the enunciation event fragments. For the analysis of cuttings, it is possible to produce an understanding of the text by the projection of an analysis on the other. In this case, we can observe aspects of a very particular lyricism. The analysis also allows to reflect on how the event of enunciation agency figures of enunciative scene.

PALAVRAS-CHAVE: Enunciação. Semântica. Texto. Manuel Bandeira.

KEYWORDS: Enunciation. Semantics. Text. Manuel Bandeira.

O objetivo deste artigo é apresentar uma análise de um texto. Esta análise procura, por um lado, mostrar como podemos analisar de texto a partir de um procedimento de análise específico que se vale de uma semântica da enunciação. Por outro lado, interessa-nos mostrar o que podemos compreender de um poema aparentemente tão simples de Manuel Bandeira. Esta compreensão traz, entre tantos interesses, o de colocar em pauta uma questão sobre a língua e sobre sua enunciação. O poema a ser analisado é “Neologismo” de Manuel Bandeira. Ele foi inicialmente publicado em *Belo Belo* em 1948¹. Como nosso interesse não é discutir a questão da crítica literária sobre Bandeira, não interessa aqui apresentar a situação da fortuna crítica sobre este texto nem sobre o poeta. Vou tomar, para este estudo, uma posição de semanticista da enunciação.

* DL – IEL/Labeurb – Unicamp.

¹ Foi escrito em 1947, quando Bandeira estava em Petrópolis.

Nosso procedimento de análise é o que apresentamos em Guimarães (2011) e que consiste em considerar que o texto é uma unidade de linguagem que faz sentido porque ele se caracteriza por integrar enunciados. Este modo de integração dos enunciados é o que dá sentido a estes enunciados. Assim é possível pensar que, se observamos este modo de integração, podemos, a partir de algum procedimento específico, apresentar uma análise, uma interpretação do próprio texto. Para fazer esta passagem tomamos a posição de que a análise de um texto deve ser feita a partir da tomada de um recorte² significativo do texto. Este recorte será aqui analisado do ponto de vista enunciativo³ e será em seguida relacionado à análise de outros recortes que a própria análise inicial pode indicar. Para o estudo deste texto vou partir de um aspecto decisivo no poema, a enunciação de seu último enunciado: síntese, destino, desfecho, do próprio poema. A partir desta análise vamos para outros recortes a que ela nos leva. Vamos, assim, tomar os seguintes recortes: 1. A enunciação decisiva: “Teodoro, Teodora” 2. A articulação dos enunciados e a textualidade; 3. As orientações do dizer; 4. A Cena enunciativa.

1. A Enunciação Decisiva: “Teodoro, Teodora”

O poema, tal como se observou acima, apresenta uma enunciação decisiva. Ela constitui seu sentido em virtude de seu modo de integração ao texto. Trata-se da enunciação do enunciado (1), último verso do poema.

(1) Teodoro, Teodora

Esse enunciado apresenta palavras, apresenta sons, letras, apresenta um modo de combinação entre *Teodoro* e *Teodora*. Estas palavras, sons e combinação são próprias de uma língua: a portuguesa. (1) apresenta, também, um neologismo, uma palavra que, segundo nossa memória de falantes, não existia. O poema mostra que é possível, e o poema faz isso, se valer dos elementos que a língua tem e criar outros. Mas observa-se também que o que se cria se faz segundo um certo modo de fazer, segundo uma prática já existente, de certo modo prevista naquilo que estamos chamando de modos de combinar. *Teodoro* é do verbo *teodorar*, que

² A noção de recorte que utilizo é formulada por Eni Orlandi que o define como segue: “recorte é uma unidade discursiva. Por unidade discursiva entendemos como fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação” (Orlandi, 1984, p. 14).

³ Tomo assim o recorte como um fragmento do acontecimento da enunciação. Sobre como utilizo esta noção como parte do meu procedimento de análise de texto, ver Guimarães (2011).

obedece um paradigma próprio da estrutura de certos verbos da língua. Assim (1) se apresenta como um enunciado no poema acima (é um elemento com consistência interna e independência relativa). E ele aparece como enunciado porque está neste texto. E está em um texto porque um certo falante o produziu agenciado por uma certa língua. A própria criação do verbo *teadorar* se apresenta segundo o modo que a língua agencia aquele que diz. Detenhamo-nos nessa formação.

Teadorar: *te*+*adorar* (*adorar* é verbo já existente). *Te* aparece aí, aparentemente, como um prefixo, segundo um modo comum de formar verbos em português a partir de outras palavras, ou mesmo outros verbos. Por exemplo: *trocar* > *destrucar* [*des*+*trocar*]. Se no plano morfológico isto parece resolvido, é um engano. *Te* não é um prefixo habitual da língua portuguesa. *Te* é o pronome oblíquo de segunda pessoa, aquela para quem o poeta fala. *Te* é também coincidente com o início do nome próprio Teodora. Assim a relação entre o nome Teodora e a forma de reportar-se a ela *te*, constituem condições muito particulares que levam a fazer de *te* algo que parece ser um prefixo. Isto nos faz pensar, do ponto de vista da língua portuguesa, nos modos de formação por derivação ou composição. Há verbos que se formam de nomes: *cor*> *corar*; *tricô*> *tricotar*; *líder* > *liderar*; *capim* > *capinar*; *açúcar* > *açucarar*; etc. Por outro lado há nomes que se formam de verbos: *agitar* > *agito*; *abalar* > *abalo*; *trocar* > *troca*; *buscar* > *busca*; etc.

Pode-se também pensar que se trata de um outro modo de formação. Seria um modo de composição, em que uma morfema *ador*(+*ar*) se articula a outro morfema, a forma pronominal *te*: ou seja, *te* + *adorar* (verbo) > *teadorar*. Veja que estes modos de formação estão envolvidos, mas efetivamente o que leva de *adorar* a *teadorar* é um processo em que de um verbo, *adorar*, se chega a outro, não porque a ele se acresce um outro morfema, mas porque há uma enunciação que forma de um verbo outro verbo: *teadorar* não é *te* + *adorar* (nem uma derivação por prefixação nem uma composição). *teadorar* é “*dizer te adoro*”. É o que Benveniste (1966) chamou de verbo delocutivo (p. 306-307)⁴.

Ou seja, isto que ocorre no poema e enunciado tomados para análise não se dá como simples escolha de alguém. O que se enuncia em (1) aparece como marcada por um lugar de dizer em primeira pessoa (tomo aqui esta noção do modo mais comum possível) na medida em

⁴ Este tipo de funcionamento mostra fortemente, e de modo exemplar, como o processo enunciativo é constitutivo da significação.

que esta primeira pessoa, que posso chamar de falante, é tomada pela língua que fala. E o falante somente é esse que fala enquanto tomado por esta língua em que fala.

Assim há de um lado um conjunto de sistematicidades que significam algo de algum modo, na medida mesma em que tais possibilidades podem se dar e tais outras não⁵. O enunciado (1) não existe, enquanto tal, senão neste poema. E é nesta medida que ele significa. E o que ele significa? Significa uma enunciação amorosa específica, única, pois ele se apresenta como uma invenção própria do poema. É uma enunciação de um enunciado de amor; um enunciado único, especial. Ele se caracteriza por criar uma palavra por uma formação delocutiva cujo sentido é “*dizer te adoro*”.

2. A articulação dos enunciados e a textualidade

Se tomamos o primeiro verso do poema temos nele dois enunciados: *Beijo pouco; falo menos ainda*. Cada um destes dois elementos linguísticos tem uma consistência interna que de certo modo se basta. No caso isto se dá por uma relação predicativa ente (*Eu*) e *beijo pouco*, no primeiro enunciado; e (*eu*) e *falo menos ainda*, no segundo. No entanto ambos, de algum modo, têm uma independência relativa, pois veja que *falo menos ainda* claramente significa, nos diz algo, este “ausente” a que as palavras nos levam, que só pode ser significada pela relação com o primeiro enunciado⁶.

Claramente *Beijo pouco, falo menos ainda* tem uma combinação de elementos que marca que o elemento que traz a consistência interna não é independente do todo do acontecimento. Isto se marca na relação, no caso dos dois enunciados, entre *pouco* e *menos ainda*. O *menos ainda*, no segundo enunciado, só significa em relação ao *pouco* do primeiro. O que esta relação faz significar enquanto modo de integração ao texto vai ser tomada por dois

⁵ Considerar, tal como digo em Guimarães (2002), que o que caracteriza a enunciação é o que podemos chamar do funcionamento da língua no acontecimento em que este texto se apresenta. Por outro lado, não há como não considerar que o enunciado (1), do nosso exemplo, significa enquanto elemento deste acontecimento. Assim a enunciação é um acontecimento que produz sentido. Ou seja, o sentido se produz pelo acontecimento de funcionamento da língua. E este acontecimento se apresenta como se dando pela existência de uma língua, por que há falantes que são agenciados enquanto falantes pela relação com tal língua. Nesta medida esta língua só é língua enquanto língua destes falantes. Nesta medida o falante não é uma pessoa física, é um lugar de sujeito determinado pela relação com a língua.

⁶ Como sabemos, uma palavra, enquanto tal, não apresenta estas duas características, ela precisa ser tomada no enunciado para poder se apresentar neste todo do acontecimento do dizer. Tomemos *pouco*. Só podemos pensar esta palavra significando algo no enunciado *beijo pouco*, por exemplo. Por outro lado, um elemento linguístico é enunciado enquanto integra este todo do acontecimento, um texto. É esta independência relativa que o faz significar e assim ser enunciado, e não uma sequência de sons, ou de palavras, ou de formas, simplesmente.

outros movimentos, que se mostram de modos diferentes. Este primeiro enunciado acaba por significar algo na medida em que a ele se articula um enunciado por uma articulação adversativa. É o que se tem na relação do primeiro verso com os três versos seguintes:

(2) Beijo pouco, falo menos ainda[A].
 Mas invento palavras
 Que traduzem a ternura mais funda
 E mais cotidiana.[B]

Ou seja, na medida em que a enunciação destes três enunciados se articula por este *mas*, temos a produção de um sentido para o terceiro enunciado que, ao significar, faz dos enunciados do primeiro verso algo a que o terceiro enunciado se contrapõe.

Por fim os três últimos versos do poema se apresentam como algo que se diz a partir da oposição acima apresentada. E o que se diz nestes três últimos versos traz o “desfecho” do poema que significa a partir do que se contrapôs por *mas invento palavras / que traduzem a ternura mais funda / e mais cotidiana*. Ou seja

(3) Inventei, por exemplo, o verbo teadorar.
 Intransitivo:
 Teadoro, Teodora.[C]

significa a partir da contraposição de [B] a [A] de (2).

Estas relações é que fazem com que os enunciados envolvidos sejam enunciados integrados a este texto que significa em virtude destas relações.

3. As Orientações do Dizer

Se voltamos às relações observadas na seção 2, acima, podemos analisar de modo específico a questão da relação entre *Beijo pouco, falo menos ainda*, e destes enunciados com o que se articula a eles em seguida. Tomemos

(2.1) Beijo pouco, falo menos ainda

Consideremos, para refletir sobre este assunto, uma mudança no primeiro enunciado de (2.1), tal com em

(2.1a)Penso pouco, falo menos ainda.

O que podemos considerar é que o dizer de *falo menos ainda* na sequência (2.1) não significa a mesma coisa que o dizer de *falo menos ainda* na sequência (2.1a). Esta diferença está relacionada a que *falo menos ainda* se relaciona com enunciados diferentes em (1) e em (1a). Isto indica que devemos, para falar do dizer de *falo menos ainda*, pensá-lo em relação a *beijo pouco* ou *penso pouco*. Ao mesmo tempo, para podermos considerar o enunciado *falo menos ainda*, devemos relacioná-lo com *beijo pouco*, mas também com os outros enunciados do texto em que está. Vemos então que o acontecimento do dizer, ou seja, a consideração do acontecimento do funcionamento da língua no espaço de enunciação, precisa levar este aspecto em conta. Retomemos

(2)Beijo pouco, falo menos ainda[A].
 Mas invento palavras
 Que traduzem a ternura mais funda
 E mais cotidiana.[B]

O que se observa é que [B] ao se contrapor a [A] se contrapõe pela constituição de uma direção que se dá ao dizer. Nesta medida [A] dirige para um sentido como *não sou capaz de amar, de manifestar meu amor*. E [B], exatamente na mesma medida, dirige para um outro sentido, *o de que o poeta é capaz de amar e de manifestar de modo muito específico isso*. O poema assim não significa o primeiro verso como uma descrição ou narrativa sintética, o poema significa aí, pensando o modo próprio das relações postas, a sustentação de uma posição do poeta na sua relação com a amada: o poeta é capaz de dizer seu amor.

Trata-se neste caso de um texto que articula um conjunto de enunciados com uma proeminência específica para uma articulação muito particular, a que há entre os dois enunciados iniciais e o restante do poema. É uma articulação concessiva articulada pelo operador *mas*. Pensando aqui de modo não muito específico pelos procedimentos de análise, vemos que esta articulação faz significar a invenção de palavra como algo não comum, como algo que se oporia, em certo sentido, ao funcionamento da língua em enunciações específicas. Por outro lado a segunda parte do poema leva exatamente à invenção da palavra, ao neologismo,

(3)Inventei, por exemplo, o verbo teadorar.
 Intransitivo:
 Teadoro, Teodora.[C]

e assim faz significar algo futuro, há um novo verbo na língua. A língua passa a ser outra⁷.

O texto *neologismo* é um acontecimento na medida em que, na obra de Bandeira, faz diferença com qualquer outro poema, na medida em que traz um passado de sentidos sobre o que é língua, um presente que articula uma relação A mas B que a partir deste passado de sentido marca o lugar do poeta como um inventor de palavras e um futuro que se abre pelo verbo inventado. Mesmo que *Teodorar* seja, na invenção do poema, *adorar Teodora*, enquanto verbo inventado está à disposição para qualquer outro que queira dizer ao objeto de seu amor: *Teodoro, Joana*, por exemplo⁸.

Temos algo que podemos representar como segue:

A ----) não sou capaz de dizer o meu amor

Mas

B ----) eu digo o meu amor: C - Inventei... / Teodoro, Teodora

A continuidade do poema, (C), em (3), é a própria realização do que resulta da relação concessiva. (C) se dá exatamente sobre o que B sustenta enunciativamente.

4. A Cena enunciativa

Na análise do enunciado “Teodoro, Teodora”, observamos alguns aspectos de que trataremos especificamente neste recorte. Este enunciado enuncia um vocativo, *Teodora*. A enunciação deste vocativo agencia Teodora, enquanto “o ser amado”, em lugar social de alocutário (al-x)⁹. Este alocutário-x aparece como alocutário de l-x que é agenciado como lugar do “ser amoroso”. Assim há aqui uma relação entre *locutor-amoroso* e *alocutário-amada* (*Teodora*).

⁷ Esta análise se faz levando em conta o que considero como a temporalidade própria do acontecimento (Guimarães, 2002). Quando se diz, há algo que fica significado não simplesmente por aquilo que se apresenta no momento específico em que se diz. O dizer constitui uma temporalidade de sentidos com passado, presente e futuro.

⁸ A esta tomada do passado, produzida pelo acontecimento, tenho chamado de *memorável*, e esta projeção de enunciações futuras de *futuridade*.

⁹ Sobre o funcionamento do vocativo, ver Guimarães (2015).

Deste modo o agenciamento do falante em locutor pelo acontecimento nos coloca a divisão

L	AL
l-amoroso	al-amada (Teodora)

Se relacionamos esta divisão com o poema em que ela está integrada, vamos encontrar outras divisões, nele funcionando e significando.

Façamos mais um passo. Retomemos a sequência inicial do poema de Bandeira, enquanto elemento do recorte que estamos analisando:

(2)“Beijo pouco, falo menos ainda.
Mas invento palavras
 Que traduzem a ternura mais funda
 E mais cotidiana.”

Se falamos de um Locutor (que se significa como responsável pelo dizer), podemos observar que este Locutor está dividido em locutor-x que enuncia de um outro lugar, o do locutor-poeta (lugar social do dizer). É do lugar de locutor-poeta que se relata o dizer do l-amoroso em

Intransitivo:
 Teodoro, Teodora.

O poema conta, ao leitor do poema, um acontecimento que dá conta das dificuldades e sucessos do poeta. Tem-se então:

L	AL
l-poeta	al-leitor

Importante neste caso é ver como se pode dar conta, da perspectiva que vimos colocando, do seguinte:

1) diz-se *Beijo pouco e falo pouco*

2)de algum modo *mas invento palavras...* se opõe ao que o Locutor diz nos dois primeiros enunciados do poema.

Podemos atribuir esta oposição à disparidade Locutor / locutor-x? Não, porque isso significaria que na enunciação ora é o L que diz e ora é o l-x. Pelo que vimos observando não é disso que se trata. Tanto L quanto l-x dizem, cada um a seu modo. Como vimos, a distinção de lugar social de locutor é bem sustentada entre todo o poema e seu último enunciado, cujo l-x é o locutor-amoroso. Então consideremos que “Beijo pouco, falo menos ainda” é dito como uma concordância com uma caracterização possível para o Locutor. E a esta caracterização se opõe ao que está introduzido pelo *mas*. A segunda parte do que se articula com o *mas* está dito de um outro lugar de dizer, por um outro enunciador. Assim teríamos, no caso, dois lugares de dizer (dois enunciadores): o primeiro que diz *Beijo pouco, falo menos ainda* e um segundo que diz *Mas invento palavras / Que traduzem a ternura mais funda / E mais cotidiana*. Neste caso podemos dizer que o primeiro dos enunciadores é uma voz que apresenta uma descrição da personagem, característica que também encontramos em *mas invento...* Diante disso cabe perguntar: faria sentido dizer que são dois enunciadores? E que nos dois casos são enunciadores individuais? O ponto fundamental é que falar em dois enunciadores é não confundir L ou l-x a esta voz; e não se deixa entender que ora é L que diz e ora é l-x que diz. Este lugar de dizer - enunciador (distinto tanto do lugar que diz (L) e lugar social do dizer (l-x)) permite considerar que a contraposição entre *beijo pouco / mas invento palavras* não se dá como uma oposição de referências. Até porque *invento palavras* não se contrapõe factualmente a *beijar pouco, falar pouco*. Trata-se de descrever e interpretar a contraposição aí presente sem considerá-la, de nenhuma forma, como referencial. Mesmo que esta solução seja suficiente e metodologicamente adequada, considerando o todo do poema podemos apresentar outra solução. Esse modo de tratar a divisão do Locutor abre outras possibilidades para a análise do sentido do poema, como se verá a seguir. Teríamos a seguinte solução

		E1
L	l-x	mas
		E2

A questão seria como devemos configurar os enunciadores E1 e E2. Uma possibilidade é pensar o E1 como um lugar de dizer íntimo e o lugar de dizer de E2 como individual¹⁰.

		E1(íntimo)
L	l-x	mas
		E2(individual)

Para sustentar esta distinção, observemos que, a partir da análise, aproximamos o primeiro verso da enunciação do último; ambos podem ser vistos como enunciados deste lugar social da intimidade, ressaltando o conflito íntimo entre *não beijar e falar pouco* e dizer *Teodoro, Teodora*.

Deste modo podemos dizer que a cena enunciativa do poema traz uma disparidade específica. De um lado uma relação l-poeta – al-leitor, de outro a relação l-amoroso – al-teodora e a isso se acresce uma divisão do lugar de dizer que ora é individual ora é íntimo. Teríamos o seguinte:

Locutor

Alocutário

Locutor-poeta

alocutário-leitor

E1(íntimo) – Beijo pouco, falo menos ainda

E2(ind.) – mas invento palavras...

E2(ind.) – inventei, por exemplo, o verbo teodorar. / Intransitivo:

Locutor-amoroso

alocutário-amada

E2(íntimo) – Teodoro, Teodora

5. Conclusão

Espero que esta análise, ao lado de possibilitar uma compreensão do poema, indicando que este processo de análise tem o lugar do analista estabelecido pela possibilidade de recortar diversamente, com a objetividade que o procedimento assumido permite. A análise pode partir

¹⁰ Isto faz aparecer uma distinção entre um lugar de dizer “íntimo” distinto do enunciador-individual, numa distinção semelhante à que temos entre enunciador-genérico e enunciador-coletivo.

de um ponto qualquer com a condição de encontrar as projeções dos recortes uns sobre os outros.

Quanto ao resultado da análise, a tomada da enunciação final como ponto de partida, na medida em que elege a não-segmentabilidade como decisiva, permite observar elementos muito particulares do lirismo do texto.

Um aspecto particularmente me interessa registrar no sentido deste poema. Ele faz significar a relação do lugar do dizer do poeta com a língua na qual diz. O falante agenciado em locutor-poeta ou locutor-amoroso é agenciado por esta língua, e, no acontecimento, este agenciamento faz aparecer, como elemento do lirismo do poema, a invenção de uma palavra, diretamente afetada pelo nome da amada. Um outro aspecto ainda, o lugar do locutor-poeta é o lugar de quem sabe a língua e sabe falar sobre ela. É desse lugar que o verbo inventado é classificado como intransitivo.

De outra parte a divisão do enunciador em íntimo e individual, apresenta a contraposição entre o que se diz no primeiro verso e o que se diz pela contraposição concessiva, e permite observar como o poema relaciona ao dizer do locutor-amoroso, que diz o último verso, o que é contraditado no dizer do locutor-poeta, o primeiro verso.

Referências Bibliográficas

BENVENISTE, E. Verbos Delocutivos. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas, Pontes, 1988.

GUIMARÃES, E. **Semântica do Acontecimento**. Campinas, 2002.

GUIMARÃES, E. **Análise de Texto**. São Paulo, Hucitec, 2012.

GUIMARÃES, E. **Vocativo: Enunciação e História**. No prelo.

ORLANDI, E. P. **A Linguagem e seu Funcionamento**. Campinas, Pontes, 1987.

Artigo recebido em: 24.02.2016

Artigo aprovado em: 11.07.2016